

GOOL

EM ALTO E BOM SOM

ILONA SZABÓ,
especialista em segurança
pública, coloca a
descriminalização das
drogas no centro do debate
sobre violência urbana
e sistema carcerário

PARCEIRAS:

 DELTA

 AIRFRANCE

 KLM



3

VIDA, TEMPO E TRABALHO



- 96 QUEM INDICA**
As inspirações da curadora da Flip
- 98 TRÊS GERAÇÕES**
Um bate-papo sobre saúde e limites do corpo
- 100 DECOLAGEM**
Renan Serrano e sua revolução fashion
- 102 ELA TEM UM SONHO**
A coragem da cientista social Ilona Szabó
- 112 DELICIOSO, SIM. ANIMAL, NÃO**
Os novos caminhos do vegetarianismo
- 118 A IMPRESSÃO QUE FICA**
A revolução das impressoras 3D
- 124 PRINCESA? CORAJOSA**
O poder das palavras segundo Estela Renner
- 126 O FIM DO (NOSSO) MUNDO**
André Carvalhal e o mundo que queremos

ELA TEM UM SONHO

Prestigiada internacionalmente como uma das maiores especialistas em segurança pública e política de drogas, Ilona Szabó agora quer engajar os brasileiros a cuidar melhor do próprio país

POR
Micheline Alves

FOTOS
Pedro Dimitrow



“Diretora de ONG.” “Relações Internacionais.” “Cientista social.” Toda vez que chega em um hotel, Ilona Szabó de Carvalho, 38 anos, tem uma crise ao preencher o campo Profissão na ficha do check-in. Uma das mais conceituadas especialistas em segurança pública no Brasil, ela suspeita que os recepcionistas nunca entenderam exatamente o que os termos significam. Ilona é fundadora e diretora executiva do Instituto Igarapé, organização com sede no Rio de Janeiro que produz pesquisas, artigos, debates e aplicativos digitais relacionados a temas como segurança cidadã, segurança cibernética, política de drogas, políticas públicas para as cidades e consolidação da paz. Resumindo: uma organização que trabalha pela redução da violência, com atuação nacional e internacional.

Se analisarmos dados como os do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, de 2016, dá pra entender que a tarefa é hercúlea. Para citar só alguns: uma pessoa é morta de forma violenta a cada nove minutos no Brasil. 54% dessas vítimas são jovens, entre 15 e 24 anos. 73% são negros. E só 1,38% do PIB é destinado à segurança pública. Para além da parceria com especialistas, acadêmicos e gestores públicos, a missão de Ilona é traduzir para gente comum a relação entre todos esses temas da segurança e a vida cotidiana. “Tento mostrar às pessoas que não adianta pensar só em si. Dialogar com o entorno, a escola, o bairro, o outro, não é ser ativista. É ser cidadão.”

NA COVA DOS LEÕES

Ilona, batizada com o nome da avó húngara, nasceu em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. Aos 16 anos, surpreendeu a família com a escolha do destino de

seu intercâmbio: a Letônia, país pobre e gelado do Leste Europeu, onde viveu por um ano. “Já falava inglês bem, eu queria aprender coisas diferentes. Lá eu tinha amigo punk, gótico, heavy metal, gay, usuário de droga, não usuário de droga, russo, letão, gente que se odiava. Derrubei muitos preconceitos”, conta. De volta ao Rio, decidiu estudar Relações Internacionais e conseguiu um estágio na área de câmbio de um banco de investimentos. Mas não era bem o que ela queria.

O rumo começou a mudar quando ela leu uma reportagem sobre o livro *Crianças do tráfico*, do antropólogo inglês Luke Dowdney. Radicado no Rio de Janeiro e fundador da associação Luta pela Paz, ele comparava os meninos do tráfico a soldados de guerra. Ilona não poderia concordar mais e conseguiu chegar ao autor para dizer: “Um dia vou trabalhar com você”. Isso aconteceu cerca de um ano e meio depois, em 2003, quando ela voltou de um mestrado na Suécia e Luke ofereceu uma vaga na organização Viva Rio, onde estava.

Foram cinco anos de trabalho, os primeiros atuando na campanha pelo desarmamento, antes do referendo que perguntou à população brasileira se o país deveria proibir o porte de armas de fogo, em 2005. A maioria disse não ao desarmamento, mas a campanha teve o êxito de articular leis que tornaram mais complicado o porte de armas para civis, além de recolher e destruir quase meio milhão de armas de fogo.

Aos 24 anos, como coordenadora dos postos de arrecadação de armas, Ilona tinha a missão de treinar policiais civis e militares, falar com lideranças comunitárias, com padres e pastores do Brasil todo, com deputados e senadores no

“Dialogar com o entorno, a escola, o bairro, o outro, não é ser ativista. É ser cidadão”



Congresso Nacional, com membros do executivo e do judiciário. “Fui jogada aos leões”, ela define. “Não sabia nada sobre controle de armas, trabalhava 16 horas para dar conta da empreitada. Mas toda essa fluidez de relações que compõem a nossa sociedade me ensinou muito.”

O BURACO É MAIS EMBAIXO

Foi atuando no Viva Rio que ela conheceu o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que se impressionou com sua “invejável habilidade para organizar redes”, como ele declarou em entrevistas. Em 2008, quando FHC e outros dois ex-presidentes (Ernesto Zedillo, do México, e Cesar Gaviria, da Colômbia) formaram a Comissão Latino-Americana sobre Drogas e Democracia, para debater a política de drogas e sua ligação com a violência e a ameaça à democracia, Ilona foi convidada a integrar o secretariado. Em 2011, a rede deixou de ser apenas latino-americana e se tornou uma Comissão Global. E ela, secretária executiva, cargo que ocupou até o ano passado.

Um dos frutos desse trabalho foi a criação do roteiro do documentário *Quebrando o tabu*, que ela assina com o cineasta Fernando Grossein Andrade. “Fiquei embasbacado com seu conhecimento, postura, visão equilibrada e propostas baseadas em evidências científicas. Viramos amigos e eu sonho que ela ainda vá muito mais longe. Por mim, a Ilona poderia ser presidente do Brasil”, diz Fernando.

Para Ilona, os argumentos da guerra às drogas já não se sustentam. “A repressão custa caro, gera violência, e não reduziu o consumo.” A cientista social não é favorável à liberação total das drogas. Acredita que cada entorpecente precisa de regulamentação própria e deseja que, em



ACIMA
Ilona (no canto direito) com os irmãos na década de 80; e com uma amiga durante o intercâmbio na Letônia

NÓS TEMOS A FORÇA

Ilona gosta de repetir: ninguém realiza nada sozinho. Aqui, as lições que ela aprendeu como gestora de grupos

APRENDA A DELEGAR

Quero ter sempre um time forte, treinado, empoderado. Contrato pessoas que entendem que são células autônomas operando num superconjunto de forças. Naturalmente, estou na retaguarda sempre. Tem horas em que cada um vai ter que segurar uma onda. Isso é espírito de equipe.

RESPEITE OS LIMITES DE CADA UM

Quando o ritmo de trabalho é intenso, é fácil sair atropelando as pessoas. Sempre peço que elas me avisem dos excessos. Não quero a cultura de sangue, suor e lágrimas; quero saber quais os limites de cada um e respeitar.

TRABALHE SEM COMPETIR

Não quero competição, quero colaboração. Aqui no Igarapé a recompensa é conseguir realizar o que precisa ser realizado, é fazer a máquina andar. Sem passar por cima de ninguém.

BUSQUE AUTOCONHECIMENTO

A cada decisão tomada, me pergunto: estou fazendo isso porque o meu ego quer que eu faça ou é de fato para avançar na causa? Quando você se torna porta-voz de causas, tem que buscar a sua verdade, o propósito. Todas as pessoas que estão em posições de liderança precisam se fortalecer internamente.

SEJA LEVE

Vivo em um universo muito duro, de violência, mortes, presídios. Além de estar preparada tecnicamente, é preciso buscar leveza. Trazer gentileza. Escutar. Ceder.





ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA **ADRIAN IKEMATSU** BELEZA **OMAR BERGEE** STYLING **LUNA NIGRO** PRODUÇÃO DE MODA **ANDREA LEVY** TRATAMENTO DE IMAGEM
HELENA LOPES AGRADECIMENTOS **ZION GATE SOUND SYSTEM**
LOOK 1 TRICÓ **VALENTINO PARA TRASH CHIC** CALÇA **DIANE VON FURSTENBERG** SCARPIN **SANTA LOLLA** ANÉIS E BRINCO **ARON & HIRSCH**
LOOK 2 BLUSA E CALÇA **NK STORE** BLAZER **RICARDO ALMEIDA** BRINCO E PULSEIRAS **TIFFANY & CO.** ANÉIS **MAXIOR** SCARPIN **CHRISTIAN LOUBOUTIN**



DE CIMA PARA BAIXO
 Na Suécia durante o mestrado; e com o marido, Rob, e a filha, Yasmin Zoe, em Hamilton, no Canadá, no ano passado

vez de estar nas mãos de traficantes, o comércio de drogas seja legalizado, tenha regras e gere arrecadação para o estado, como acontece com o álcool e o tabaco. Paralelamente, uma política de saúde pública deve cuidar da redução de danos causados pelo vício. “Se entendemos que um alcoólatra é uma pessoa doente, que precisa de tratamento, por que um usuário de outra substância é criminoso?”

Em março, Ilona lançou *Drogas: as histórias que não te contaram*, livro que mistura ficção e dados reais para mostrar como o tráfico internacional de cocaína impacta a vida de todo mundo. A obra, que tem prefácio do médico Drauzio Varella, também apresenta diferentes abordagens e políticas que têm se revelado positivas no combate às drogas em cerca de 30 países. A ideia agora é levar seu conteúdo para pais e escolas. “Muitos pais acham que se a escola fala do tema, está incentivando o consumo. É uma bobagem: os jovens sabem muito mais do que a gente imagina.”

PARCEIROS CONTRA O CRIME

Há dez anos, em um encontro da ONU no Panamá, Ilona se encantou pelo pesquisador canadense Robert Muggah, o Rob, que ela conhecia de vista desde os tempos do Viva Rio. Foi paixão fulminante, para ambos. Rob se mudou para o Rio dois anos depois e o casamento, para 200 pessoas, teve vestido de noiva, música brasileira e um barco que levou todo mundo para velejar na baía de Guanabara. “Ilona é minha alma gêmea. Sonhadora, tem meia dúzia de personalidades e eu amo cada uma delas. Não se deixa abalar pelo poder, embora caminhe facilmente entre os poderosos e os impotentes. Tem princípios com raízes profundas e sem-



pre se esforça para fazer o certo, não importa o quão doloroso isso seja”, declara o marido. Filósofo e economista de formação, Rob, 42, é um dos mais prestigiados pesquisadores em segurança pública no mundo. Em 2011 os dois criaram o Igarapé, onde atuam juntos. Em 2014, tiveram a única filha, Yasmin Zoe.

Os três moram em um apartamento no Humaitá, mesmo bairro onde fica a sede do Igarapé. Se em 2014 Ilona mal teve licença-maternidade e amamentava Yasmin entre reuniões, hoje ela diz ter aprendido a equilibrar as coisas. “Eu certamente melhorei como mãe e me reconectei a um lado mais lúdico da vida”, diz, de frente para o aquário do peixe Pimpão, o único animal de estimação da família – presente da babá, Katia, para Yasmin.

Apesar da logística bem montada, nem tudo sai como planejado. As últimas férias de janeiro, por exemplo, morreram literalmente na praia quando, logo no primeiro dia de 2017, uma guerra de facções criminosas em presídios expôs a fragilidade do sistema carcerário brasileiro. Ilona e Rob acompanharam as primeiras notícias em Picinguaba, vila de pescadores em Ubatuba, litoral de São Paulo. Quando se viram tendo que redigir um artigo urgente sobre a questão para o jornal *The New York Times*, entenderam que era preciso voltar ao QG do Rio.

Mesmo em um ano conturbado como este, ela consegue ter muitos sábados e domingos ideais – em que acorda sem despertador, caminha pela lagoa Rodrigo de Freitas ou pelo Jardim Botânico, lê os jornais sem pressa, almoça com amigos. Durante a semana, são sagradas as aulas de ioga. E todas as férias de julho são em Baddeck, na Nova Escócia, no Canadá, onde vivem os pais de Rob. “É um lugar

MAPA DA MINA

Confira dicas dos destinos preferidos de Ilona quando não está viajando a trabalho

BOGOTÁ

Adoro passear pela Candelaria e comprar buñuelos (espécie de pão de queijo local) e visitar o Museu do Ouro e as galerias de artesanato da região – os sapatos forrados de molas são uma ótima compra.

NOVA YORK

O Oyster Bar, na Grand Central Station, é um dos meus restaurantes favoritos. Procure o Carlos, garçom que está lá há 17 anos. Também adoro ir ao Chelsea Market para comprar um mel trufado orgânico e comer vieiras fresquinhas. E o novo museu Whitney.

GENEBRA

Amo o fondue de queijo no Café du Soleil, o mais antigo da cidade, e a seção de chocolates da loja Manor, no centro da cidade (pra levar para casa: fondue de chocolate Farvarger). Vale uma escapada para a Borgonha, para um piquenique em meio às videiras de Sancerre.

OMÃ

O mais requintado dos estados do Golfo, coração do império Otomano no século 19, foi a escolha para minha lua de mel. Pontos altos: jantar em Muscat, com vista para os penhascos e o Estreito de Ormuz; e passar alguns dias no hotel Six Senses.

NOVA ESCÓCIA

Adoro as caminhadas na Cabot Trail, no extremo nordeste do país do Canadá. Um dos últimos refúgios para degustar lagosta e caranguejo com criação sustentável e velejar pelos lagos Bras Dor, os maiores lagos de água salgada do mundo.

FERNANDO DE NORONHA

Gosto de mergulhar no fim da tarde com as tartarugas na praia do Sueste ou com as moreias na costa da baía do Sancho. Não dá pra deixar de provar (e levar) a pimenta caseira do restaurante Tricolor. E dançar um forró no Bar do Cachorro.



Ilona durante palestra do TED Global, em 2014; e com Drauzio Varella e Fernando Henrique Cardoso ainda este ano, em um debate sobre drogas



“Ser oposição é fácil. Sentar junto é mais difícil, mas só isso vai nos tirar de onde estamos. Sozinhos não vamos a lugar nenhum”

paradisiaco, onde comemos frutos do mar e onde minha sogra fica feito polícia nos mandando desligar o celular.”

POLÍTICA COM O CORAÇÃO

Mal sabe a sogra que ela acaba de incluir mais um projeto à sua lista. Ilona é uma das criadoras do Agora, grupo com realizadores de áreas diversas – de empresários e acadêmicos a lideranças indígenas e comunitárias –, todos abaixo de 45 anos, engajados na formulação de políticas públicas que “atualizem o Brasil”. Ela reforça que não se trata de um partido político. E que não tem nenhuma intenção de se candidatar a qualquer cargo. O Agora está pensando em oferecer um plano a quem estiver disposto a implementar, seja de que partido for, no nível municipal, estadual ou nacional. “Um projeto que se sustente não vai ser feito por um salvador da pátria. É preciso gente nova para os cargos eletivos, mas a estrutura de ministros, secretários e servidores também precisa ser oxigenada.”

Seu grande medo é que no Brasil as pessoas se deixem levar pelo mesmo discurso de ódio que elegeu Donald Trump nos Estados Unidos. Quando o bilionário foi anunciado como presidente, ela chorou de tristeza por ver o triunfo de um discurso pródigo em xenofobia, misoginia e desprezo a questões como o aquecimento global. Ficou mais premente para Ilona o desejo de trabalhar para que o Brasil não caia na mesma desilusão. “Ser oposição é fácil. Sentar junto, arregaçar as mangas é mais difícil, mas só isso vai nos tirar de onde estamos. Mudança só se faz com a coletividade. Com polícia, promotoria, defensoria, associação de shopping center, o que for. Sozinhos não vamos a lugar nenhum.”